

## ENTRE A ACEITAÇÃO E A RESISTÊNCIA: “A IMPERATRIZ” (1526) E “O IMPERADOR” (1526) DE HANS HOLBEIN, O JOVEM

EDUARDA WILLE ZARNOTT<sup>1</sup>; DANIELE GALLINDO GONÇALVES<sup>2</sup>

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – zarnottduda@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas - danigallindo@yahoo.de*

### 1. INTRODUÇÃO

A "Dança da Morte" emergiu como um fenômeno significativo nas artes e na literatura europeias entre os séculos XIV e XVI, dialogando diretamente com as ansiedades e a instabilidade da sociedade feudal em crise. Segundo Vovelle (1991, p. 149-150), “mais do que a peste negra no declínio da Idade Média, foi a crise da sociedade feudal ou cavaleiresca que determinou a instabilidade geral da qual a dança macabra não foi senão uma das expressões”. Este contexto histórico e social moldou a maneira como a morte era interpretada e representada nas artes, resultando em uma rica iconografia que se manifesta, em particular, nas xilogravuras de Hans Holbein, o Jovem.

Essas xilogravuras não são meras representações visuais; elas desempenham um papel crucial na comunicação de valores e sentimentalidades da época. Schmitt (2007) afirma que o conceito de “imagem” vai além da representação física ou material, estendendo-se ao campo da imaginação. Não precisamos ver fisicamente uma cidade para imaginá-la. Assim que ouvimos o nome “cidade”, nossa mente cria uma forma, e essa imagem fica guardada na memória (Schmitt, 2007, p.12). Da mesma forma, as xilogravuras de Holbein não apenas ilustram cenas religiosas ou temas morais, mas também evocam reflexões sobre a mortalidade e os valores espirituais, alcançando uma audiência ampla e diversificada, incluindo aqueles que, na época, não tinham acesso direto aos textos sagrados.

Conforme argumentado por Schmitt (2017, p. 660-661), a noção de imagem nesse período abrangia não apenas a esfera visual, mas também a linguística, a experiência religiosa e a própria compreensão da relação entre o divino e o humano. Nesse cenário, as danças macabras se configuravam como um potente meio de reflexão sobre a fragilidade da vida, apresentando uma “ronda sem fim, em que se alternam um morto e um vivo. Os mortos conduzem o jogo e são os únicos a dançar” (Ariès, 2014, p. 152). Através dessas representações, Holbein nos convida a confrontar a incerteza da morte e a reconhecer a igualdade intrínseca de todos diante dela.

Este trabalho se propõe a analisar em detalhe as xilogravuras “A Imperatriz” (1526) e “O Imperador” (1526), explorando como essas obras apresentam a complexidade da condição humana e as reações da nobreza frente ao destino inexorável da morte. A escolha desse tema se alinha ao recorte da dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal

de Pelotas, na qual investigamos a figura da morte nas xilogravuras de Holbein, buscando compreender a mensagem moral e social que elas transmitem.

## 2. METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada por meio de uma análise cuidadosa e detalhada das xilogravuras de Hans Holbein, com um foco específico nas obras “A Imperatriz” (1526) e “O Imperador” (1526). Utilizamos uma abordagem iconográfica para interpretar os elementos visuais presentes em cada gravura, explorando como esses elementos contribuem para a narrativa da série “Dança da Morte”. Essa metodologia envolveu uma revisão abrangente da literatura sobre a construção do macabro na sociedade tardo-medieval, além de um foco particular nas representações da morte na obra de Holbein.

Essa metodologia envolveu uma revisão abrangente da literatura sobre os aspectos macabros que permeavam a sociedade tardo-medieval, com foco particular nas representações da morte na obra de Holbein. As principais referências que sustentaram esta pesquisa incluíram os estudos de Schmitt (2007, p. 39-42), que destaca que, ao analisar uma obra de arte, não se pode separar sua forma e estrutura de suas funções e efeitos na sociedade. A análise da imagem e sua interpretação histórica estão profundamente conectadas e devem ser realizadas juntas. Também foram considerados os pensamentos de Huizinga (2010) e Vovelle (1991), que proporcionaram um entendimento mais amplo sobre a percepção da morte e as desigualdades nas experiências sociais diante dela. A análise foi enriquecida com investigações mais recentes sobre a iconografia de Holbein, permitindo uma contextualização mais precisa das obras.

Além disso, comparamos as xilogravuras “A Imperatriz” (1526) e “O Imperador” (1526) com outras obras da série, buscando identificar padrões e diferenças significativas nas formas como a morte e as reações da nobreza são representadas. Apesar disso, tais análises subjacentes não serão expostas no presente trabalho. O objetivo foi compreender a mensagem mais profunda que essas xilogravuras transmitem, refletindo sobre a dualidade da condição humana em face do destino inexorável que a morte representa.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As xilogravuras “A Imperatriz” (1526) e “O Imperador” (1526), parte da série “Dança da Morte” de Hans Holbein, oferecem uma tapeçaria de simbolismos que revelam a complexidade da percepção da morte entre as classes nobres do período. Ambas as obras utilizam a figura do esqueleto para confrontar a realeza, provocando uma reflexão sobre a mortalidade e a inevitabilidade do destino final de todos, independentemente de *status* social.

A Imperatriz é apresentada em uma composição que destaca a sua condição de poder e, ao mesmo tempo, a fragilidade da vida. A figura da imperatriz, adornada com vestes opulentas, é confrontada pelo esqueleto da Morte, que se

aproxima com um gesto que sugere não apenas a inevitabilidade do seu destino, mas também a futilidade das riquezas materiais. Essa dualidade é um dos elementos centrais na obra, através da qual Holbein articula um diálogo visual que ressoa com a ideia de que “todas as imagens [...] têm sua razão de ser, exprimem e comunicam sentidos” (Schmitt, 2007, p. 11). A imperatriz, que poderia ser vista como a personificação do poder, é desnudada de sua grandeza diante da Morte, simbolizando que a nobreza, apesar de seus privilégios, não está imune ao fim.

Por outro lado, *O Imperador* traz uma abordagem semelhante, mas com nuances que refletem as preocupações e responsabilidades associadas ao poder. A representação do imperador, imerso em sua majestade, é interrompida pela figura cadavérica que se aproxima, questionando a sua autoridade. Holbein captura a tensão entre a soberania e a morte, destacando que “as experiências individuais e sociais diante da morte são extremamente desiguais” (Vovelle, 1991, p. 137). A gravura sugere que, embora o imperador possa governar sobre a vida e a morte de outros, ele também deve se submeter ao mesmo destino, enfatizando a fragilidade da condição humana.

Ao comparar as duas xilogravuras, percebemos padrões que refletem a mensagem moral da série “Dança da Morte”: a morte é um igualador que não faz distinção entre classes sociais. Ambos os personagens, a imperatriz e o imperador, são mostrados em momentos de vulnerabilidade, confrontando uma realidade que desafia suas identidades e posições. Essa ideia é reforçada pela representação de um esqueleto que, embora pareça uma figura aterrorizante, atua como um lembrete da inevitabilidade da morte. Como colocado por Ariès ao referir-se às Danças Macabras, (2014, p. 152), “a arte reside entre o ritmo dos mortos e a paralisia dos vivos”, e Holbein captura perfeitamente esse contraste nas expressões e posturas dos personagens.

A análise das xilogravuras revela, portanto, como Holbein utiliza elementos visuais para instigar reflexões sobre a morte e a condição humana. As reações da nobreza, representadas por meio das figuras da imperatriz e do imperador, apontam para um entendimento mais amplo de que a riqueza, o *status* e o poder não podem proteger ninguém da realidade da morte. Essa mensagem se torna especialmente pertinente ao considerarmos o impacto cultural das danças macabras no período, momento em que as representações visuais serviam como um meio poderoso de comunicação sobre a fragilidade da vida e as inevitabilidades que nos unem a todos.

#### 4. CONCLUSÕES

A análise das xilogravuras “A Imperatriz” (1526) e “O Imperador” (1526), pertencentes à icônica série “Dança da Morte” de Hans Holbein, oferece uma visão abrangente sobre a representação da morte e as dinâmicas sociais da Idade Média. As obras nos mostram como, mesmo ocupando posições de poder, tanto a imperatriz quanto o imperador não podem escapar do confronto com a

Morte, simbolizando a fragilidade da condição humana diante da inevitabilidade do destino final.

Através de uma iconografia rica e evocativa, Holbein comunica mensagens profundas sobre a igualdade que a morte impõe, sublinhando que os bens materiais e o *status* social não oferecem proteção contra o fim da vida. Essa abordagem revela que as imagens da morte não apenas lembram os vivos sobre sua mortalidade, mas também instigam reflexões sobre a vida, a moralidade e as desigualdades sociais que permeiam a experiência humana perante a morte. As danças macabras emergem como expressões das crises sociais e existenciais da época, apontando ansiedades e incertezas que permeavam a sociedade.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARIÈS, Philippe. **O homem diante da morte**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- HUIZINGA, Johan. **O outono da Idade Média**. Estudo sobre as formas de vida e de pensamento dos séculos XIV e XV na França e nos Países Baixos. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- SCHMITT, Jean-Claude. **Imagens**. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário analítico do Ocidente medieval: Volume 1**. São Paulo: Editora Unesp, 2017, p. 658-673.
- 
- O corpo das imagens**. Ensaios sobre a cultura visual na Idade Média. Bauru, SP: Edusc, 2007.
- VOVELLE, Michel. **Ideologias e mentalidades**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

## 6. REFERÊNCIAS ICONOGRÁFICAS

- HOLBEIN, Hans (o jovem). **A Imperatriz**. 1526. Xilogravura, 6,4 cm x 4,8 cm.
- 
- O Imperador**. 1526. Xilogravura, 6,4 cm x 4,8 cm.